

DIVÓRCIO, SEGUNDO CASAMENTO E A IGREJA

DIVORCE, SECOND MARRIAGE AND THE CHURCH

Adiclecio Ferreira Dias*¹

RESUMO

É errôneo pensar que o casamento seja uma invenção humana, flexível, passiva a mudanças de acordo com anseio da sociedade. O casamento é, na verdade, uma criação divina e milenar, sendo dissolúvel apenas com a morte. Porém quando Adão e Eva sucumbiram diante da tentação e pecaram, trouxeram consequências para seus descendentes, a saber: ficaram egoístas, cheios de maldades. Com isso veio a bigamia e o divórcio. Diante dessa lamentável realidade, a pretensão deste artigo é analisar alguns textos sacros para asseverar se o divórcio é algo agradável, aceitável aos olhos do Eterno. Quanto à metodologia aplicada, foi usada a revisão bibliográfica em textos da Bíblia e em artigos. Foi possível observar, após o término da pesquisa, que o Eterno estabeleceu o casamento como uma união dissolúvel apenas com a morte de um dos cônjuges.

PALAVRAS-CHAVE: relações ilícitas, divórcio, novo casamento.

ABSTRACT

It is a mistake to think that marriage is a human invention, flexible, passive to changes according to society's desires. Marriage is, in fact, a divine and ancient creation, dissolvable only with death. However, when Adam and Eve succumbed to temptation and sinned, they brought consequences for their descendants, namely: they became selfish, full of evil. With this came bigamy and divorce. Faced with this regrettable reality, the intention of this article is to analyze some sacred texts to ascertain whether divorce is something pleasant, acceptable in the eyes of the Eternal. As for the methodology applied, a bibliographic review of Bible texts and articles was used. It was possible to observe, after the end of the research, that the Eternal established marriage as a union dissolvable only with the death of one of the spouses.

KEYWORDS: illicit relationships, divorce, remarriage.

INTRODUÇÃO

Certa vez, um judeu que deu origem ao que se conhece hoje como cristianismo disse que muitas coisas passam. Céu e Terra passam, contudo as palavras dele jamais passarão, ou seja, não cairão em descrédito (Mt 24:35). Esse judeu, atualmente, possui milhões de seguidores espalhados pelo mundo, porém muitos desses em algum momento deixam de seguir a orientação e sua doutrina

* Mestre em Ciências das Religiões, graduado em História pelo Centro Universitário Uninter, Bacharel em Teologia pela Fabra e especialista em Ensino Religioso pela mesma faculdade.
E-mail: adiclecioferreira@gmail.com.

cometendo, assim, perfídia contra seu mestre. Será mencionado aqui apenas um: o casamento como sendo indissolúvel.

Nunca se ouviu tanto falar no termo “divórcio” como atualmente. As pesquisas apontam para um quadro alarmante acerca do número de pedidos de divórcio no Brasil. Chegam-se a mais de 420 mil na forma judicial e mais de 79 mil na forma extrajudicial, um crescimento de 8,6% ao ano (2022)². O quadro é preocupante e estarrecedor, já que os dados da pesquisa demonstraram que quase a metade dos casamentos chegam ao divórcio antes de finalizar os 10 anos de matrimônio. Apenas 25% dos casais permanecem juntos entre 10 e 19 anos. A região Sul é onde os casamentos são mais duradouros, com média de apenas 15,3 anos; e o Nordeste com a média de 14,7 anos. A campeã no ranque é a região Centro-Oeste com 12,7 anos para que o divórcio ocorra³.

Por muito tempo foi comum acontecer o divórcio no mundo secular (não cristão), mas no decorrer do percurso da história chegou às comunidades religiosas brasileiras. Como elas estão lidando com isso? Há um tempo remoto, algumas agremiações não aceitavam em seu rol de membros pessoas divorciadas por verem o divórcio como algo asqueroso, outras até aceitavam, porém, era negado exercerem funções de liderança no grupo. Atualmente, uma boa parcela das agremiações religiosas brasileiras já veem com bons olhos o divórcio. Já existem pastores no segundo casamento, sem falar que há membros no quarto casamento. Porém deve-se fazer uma pergunta: como Deus vê isso?

Diante desse pressuposto, pretende-se com este artigo analisar alguns textos sacros para asseverar se o divórcio é algo agradável, aceitável aos olhos do Eterno.

Entende-se que o tema é relevante tanto para comunidade acadêmica como para a cristandade, pois através deste, os líderes religiosos vão entender a complexidade da crise que vêm passando as famílias, e, assim, intervenham de forma a desacelerar os altos índices de divórcio no cenário religioso brasileiro.

1. O CASAMENTO SOB A ÓTICA DE DEUS

A palavra casamento possui origem no hebraico (*mohar*), que significa “pagar o dote da esposa”⁴, a palavra é citada apenas três vezes no Antigo Testamento (AT), sendo a primeira vez em Gênesis 34:12⁵. Essa palavra procede de (*mahar*), que dá a ideia de “obter ou adquirir mediante pagamento”⁶, ambas as palavras fazem alusão ao valor pago ao pai da noiva antes do casamento. Com o intuito de reparar a perda que o pai da noiva tinha com a saída de sua filha, já que essa prestava serviço doméstico. Ainda temos a palavra casar-se (*iaqach*) que significa “tomar, pegar, buscar para si”, em foco aqui, esposa/esposo⁷. Este verbo é citado 880 vezes no

² MARTINS, André. Número de divórcios no Brasil bate recorde e chega a 420 mil. *Revista Exame*. São Paulo, 2024.

³ MARTINS, 2024.

⁴ STRONG, James. Dicionário Bíblico Léxico Hebraico, Aramaico e Grego. Editora Hagnus, 2002.

⁵ Levantamento realizado pelo autor conforme concordância bíblica na versão digital da Bíblia de Strong.

⁶ STRONG, 2001, p. 234.

⁷ WALTKE, Bruce. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. Trad, SAYÃO, Luiz. São Paulo: Vida Nova, 1998.

AT⁸. Podemos fazer uso de outra palavra hebraica usada para denotar o casamento, a saber: desposar (áras) que faz alusão a noivar, comprometer-se com alguém⁹. Este verbo é citado apenas 4 vezes no AT¹⁰.

É errôneo pensar que o casamento seja uma invenção humana, flexível, sujeita a mudanças de acordo e costumes culturais. O casamento é, na verdade, uma criação divina e milenar¹¹. Segundo alguns textos bíblicos, o próprio Deus foi quem celebrou o primeiro casamento na história da humanidade “Então o Senhor Deus declarou: Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda”. “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gn 2:18-24). De acordo com a citação, Deus pegou da essência de Adão e formou a mulher e trouxe até ele, apresentando-a como companheira. A partir desse momento, o homem deixaria de viver solitário¹².

Podem os evidenciar ainda, mediante da citação o padrão estabelecido por Deus para o casamento, já que Deus disse que o homem e a mulher são unidos no ato do casamento, ou seja, não devem mais se dissolver. A palavra unirá (*dabaq*) no hebraico significa “grudar-se, colar, permanecer junto, unir-se”, ou seja, uma união vitalícia. No casamento, ambos são unidos, tornam-se uma só carne. Sob o ponto de vista desse desejo divino, o casamento é para ser durável até a morte¹³.

O que Deus quer dizer ao afirmar isso? Que não são mais duas pessoas, mas, sim, uma, pois se uniram e transformaram-se em uma só matéria, em uma só carne. Entende-se que a partir desse momento não se pode mais se desgrudar/divorciar. Por exemplo, ao pegar duas barras de ouro e submetê-las ao fogo colocando-as em uma mesma fôrma, obviamente que as duas barras passarão a ser apenas uma; então, depois do “sim”, o homem e a mulher passam a ser apenas uma matéria¹⁴. Porém, quando Adão e Eva sucumbiram diante da tentação e pecaram, trouxeram consequências para seus descendentes, a saber: egoísmo e maldade (ver Gênesis 6).

Como é bem pontuado por Duck (2017), não tardou muito para que os seres humanos deixassem de observar os parâmetros estabelecidos por Deus sobre o casamento. Lameque¹⁵, um descendente de Caim violou o princípio da monogamia, quando este tomou para si duas esposas (ver Gênesis 4). Tempo posterior, o patriarca, Abraão, seguiu esse mau exemplo quando se relacionou com sua serva Agar (ver Gênesis 21). Jacó, neto de Abraão, seguiu o mesmo caminho quando tomou para si quatro mulheres¹⁶ (ver Gênesis 30)¹⁷.

⁸ Levantamento realizado pelo autor conforme concordância bíblica na versão digital da Bíblia de Strong.

⁹ STRONG, 2001.

¹⁰ Levantamento realizado pelo autor conforme concordância bíblica na versão digital da Bíblia de Strong

¹¹ DUCK, Arthur. Divórcio e novo casamento no Antigo Testamento: uma análise de Deuteronômio 24:1-4. Revista Batista Pioneira. Vol. 6. N. 1. Junho 2017.

¹² DIAS, Adiclecio Ferreira. Casar para quê? Editora Koinonia, MG 2019.

¹³ DIAS, 2019.

¹⁴ DIAS, 2019.

¹⁵ Ada e Zilá.

¹⁶ Sara e AGAR.

¹⁷ Lia, Raquel, Bila e Zilpa.

A bigamia é uma violação do plano de Deus. O casamento foi instituído para ser monogâmico, sendo dissolúvel apenas com a morte de um. Na verdade, tanto a bigamia quanto o divórcio é algo odioso aos olhos do Eterno (Malaquias 2:13; 1 Coríntios 7:39; Romanos 7:2-3 e Marcos 10:11-12). Deve-se fazer uma reflexão: se a bigamia e o divórcio são odiados por Deus, como aqueles que se dizem seguidores de Deus e de Jesus se divorciam com tanta naturalidade? O divórcio cresceu assustadoramente no ambiente religioso, e de forma banal.

2. O CASAMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO

Os antigos judeus casavam-se em uma idade tenra, havia casos em que os meninos se casavam aos 13 anos e as meninas aos 12 anos. Há relatos que jovens foram dados em casamentos com apenas seis anos de idade. Então, os rabinos editaram uma norma estabelecendo que a idade mínima seria aos 13 anos¹⁸.

Geralmente os casamentos eram arranjados, sendo que na maioria dos casos os filhos nem eram consultados. Os pais quase sempre tinham interesse financeiro na escolha dos cônjuges, com o intuito de um fortalecimento familiar. Na maioria dos casos, os pais procuravam entre os parentes e vizinhos. Os pais eram muitos cautelosos, pois tinham receio de que os filhos pudessem se envolver com pessoas de outros povos, evitando assim, uma miscigenação. Também não davam muito valor ao amor, pois pensavam que era um sentimento que cresceria no decorrer do casamento¹⁹.

Sobre isso, bem pontuou Dias (2019) ao trazer à memória a decisão tomada pelo patriarca Abraão quando considerou que era o momento certo de casar seu filho, e priorizou buscar uma noiva para Isaque entre sua parentela. “Abraão, quando mandou o servo dele buscar uma esposa para seu filho Isaque (*Yitschaq*) orientou-o que não trouxesse as filhas do povo cananeu, ordenando-o que pegasse uma bela jovem da parentela, cujo nome era Rebeca”²⁰. Abraão não via com bons olhos as filhas dos cananeus, então, enviou Eliezer rumo à Mesopotâmia até a casa de Noar, irmão de Abraão, para arranjar uma esposa. Estando lá, Eliezer encontrou a Rebeca, filha de Betuel, sobrinho de Abraão²¹. Jacó (*Yalaqob*), filho de Isaque, sob orientação de seu pai, foi encontrar uma esposa em Harã, uma cidade onde morava Labão seu tio, irmão de Rebeca, pai de Raquel²².

Como é bem lembrado por Dias (2019), os casamentos nessa época passavam por três fases, “a primeira, a escolha da pessoa para o casamento e quais acertos se davam entre as famílias envolvidas. Depois, quanto aos laços matrimoniais, chegava a vez do ‘dote’ que era pago pelo pai do noivo a fim de compensar a perda que o pai da noiva tinha devido à saída da filha”²³. O dote podia ser pago de três maneiras, a saber: “na maioria das vezes, esse dote era dado em forma de dinheiro ou presente, como foi o caso de Abraão que deu presentes ao seu

¹⁸ COLEMAN, William. Manual dos tempos e costumes bíblicos. Editora Betânia. Venda Nova: M. G. 1991.

¹⁹ COLEMAN, 1991.

²⁰ DIAS, 2019, p. 20

²¹ Veja Gênesis 24.

²² Veja Gênesis 29.

²³ DIAS, 2019, p. 22.

servo para que entregasse ao pai da noiva de Isaque (Gn 24:53)”²⁴ ou, “na pior das hipóteses, aceitava-se, também, que o noivo pagasse com o próprio esforço físico, como ocorreu com Jacó que, desprovido de recursos financeiros para custear o dote, trabalhou sete anos por Raquel ao seu sogro (Gn 29:18)”²⁵. No último caso, “o próprio pai da noiva podia dar um presente à filha que deixava o lar. Nos dias de Jesus, costumava-se tirar 10% desse dote para a noiva comprar alguns artigos de luxo para si”²⁶.

Depois de acertar o dote, a segunda etapa era o noivado que “para oficializar esse pacto, era normal realizar uma cerimônia que terminava com uma grande festa”²⁷. Esse “noivado geralmente durava um ano; nesse tempo, o jovem era automaticamente dispensado de suas atribuições no serviço militar com o intuito que não morresse antes do casamento”²⁸. Porém, durante “esse período, a sociedade já atribuía aos noivos o título de esposo/esposa, podemos citar aqui Maria e José, os pais de Jesus, embora sem a conjugação carnal”²⁹. Agora, se durante esse período a noiva tivesse relação sexual com outro jovem, a pena era severa, punida com morte por apedrejamento e, conseqüentemente, a parte ofendida podia arranjar outro casamento (Dt 22:13-21)³⁰.

Agora a última etapa é o casamento. Os pais dos noivos convidavam os parentes e amigos. Muitos vinham de longe para participar desse grande momento festivo. Geralmente, a festa durava uma semana e dava-se início com a saída da noiva da casa de seu pai; ela era acompanhada com cortejo composto por parentes, amigos e testemunhas. Durante o percurso, entoavam canções, outros lançavam flores pelo caminho. A noiva, não andava como os demais, ia em uma espécie de cadeira real, e usava um véu no rosto que somente era retirado após o casamento quando o casal se dirigia ao quarto. Seguiam até a casa do noivo, e lá, ele, os parentes e amigos esperavam ansiosos pela chegada. A cerimônia era intitulada de (*huppah*) que no hebraico significa “toldo”, há quem diga que os noivos ficavam debaixo de uma espécie de toldo com o intuito de proteção durante a cerimônia. Depois, consumada a cerimônia, os noivos iam para sua tenda ou casa para consumarem a união³¹. E a festa continuava esperando os noivos saírem da tenda ou casa com a prova da virgindade da noiva. O esposo “certificava se a roupa de cama estava manchada de sangue, pois, caso contrário, ele podia anular o casamento e, por isso, a noiva guardava esse tecido como prova, pois se, posteriormente, alguém quisesse questionar sua virgindade, a roupa nupcial servia de prova”³² (Dt 22:13-21). Depois, ao constatarem que a noiva era pura, a festa continuava por sete dias.

3. O DIVÓRCIO E O SEGUNDO CASAMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO.

²⁴ DIAS, 2019, p. 22.

²⁵ DIAS, 2019, p. 22.

²⁶ COLEMAN, 1991, p. 105.

²⁷ DIAS, 2019, 22.

²⁸ DIAS, 2019, 22.

²⁹ DIAS, 2019, 23.

³⁰ COLEMAN, 1991.

³¹ COLEMAN, 1991, p. 108.

³² DIAS, 2019, 22-23.

Como já abordado na seção 1, o plano de Deus é que o casamento seja dissolvido apenas com a morte de um dos cônjuges. Porém é perceptível que alguns textos sacros supostamente regulamentem essa prática tornando assim o divórcio legal, mesmo sendo algo odioso aos olhos do Eterno³³. Por que o Eterno permitiu essa norma? Uma possível resposta foi deixada por Jesus, a saber: pela dureza dos corações dos homens. É possível que Jesus tenha querido dizer que se não fosse deixado essa norma, homens poderiam violentar e até matar as mulheres. Deve-se lembrar que nessa época os homens eram brutos, tinham deixado o Egito há pouco tempo, viviam sem limites, sem leis.

O divórcio sob a ótica de Deus, é pecado. Mas o que é pecado? A palavra pecado³⁴ (*hattaáh*) significa “pecar, pecaminoso, errar o alvo”, que algo? A doutrina de Deus. Todas as vezes que os mortais erram, violam a doutrina de Deus e cometem pecado. A palavra pecado é mencionada pela primeira vez em Gênesis 4:7, quando Caim arquitetou em seu coração matar a seu irmão Abel, porém o texto diz que Deus, em um diálogo com Caim, advertiu-o para que ele dominasse esse intento.

O texto a seguir estabelece uma norma para o divórcio “se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavar um termo de divórcio e lho der na mão, e a despedir de casa” (Dt 24:1). A condição é: achado coisa indecente na mulher. Indecente (*iervah*) é um substantivo que, no hebraico, significa “nudez, vergonha, partes pudendas = com sentido implícito de exposição vergonhosa”³⁵. Este substantivo é citado no AT por 40 vezes e em todas as ocorrências a palavra está relacionada à nudez, parte íntimas. Um exemplo “a nudez (*iervah*) da filha do teu filho ou da filha de tua filha, a sua nudez não descobrirás, porque é tua nudez” (Levítico 18:13; 18:15,16). Essa era a condição em que o homem estava autorizado, pela lei, a darem a carta de divórcio, caso sua esposa vivesse de forma indecente (mostrando sua nudez) levando a vergonha ao homem³⁶.

Nessa condição, os homens podiam lavar um termo de divórcio³⁷ (*kriythuwth*) que no hebraico pode significar “divórcio, demissão, separação”³⁸, ou seja, teriam como despedir/repudiar a esposa. A palavra divórcio procede de (*karath*) que, por sua vez, significa cortar fora uma parte, arrancar. Em foco aqui (a mulher; que faz parte do homem, sentido figurado), então, quando ocorre o divórcio, o homem corta fora uma parte de seu corpo (a esposa. Veja a seção 1)³⁹.

A palavra repudiar (*shalach*) no hebraico significa “enviar, despedir, deixar ir”. A mulher repudiada geralmente saía do casamento sem nada, apenas com suas roupas e a carta de divórcio. Com esse documento, ela tinha respaldo legal para dar

³³ DUCK, 2017. COLEMAN, 1991

³⁴ A palavra pecado (*hattaáh*) é mencionada no AT por 220 vezes. Ela procede de (*hata*) que significa pecar, errar o alvo. Esta é mencionada no AT por 204 vezes, sendo a primeira vez em Gênesis 20:6. Levantamento realizado pelo autor conforme concordância bíblica na versão digital da Bíblia de Strong.

³⁵ STRONG, 2001. WALTKE, 1998.

³⁶ É interessante salientar que Moisés estipulou uma condição, mas não recomendou que os homens o fizessem. O texto é uma permissão, não uma recomendação. Os homens maus podiam chegar ao extremo de matar mulheres.

³⁷ A palavra divórcio é citada apenas 4 vezes no AT. Levantamento realizado pelo autor conforme concordância bíblica na versão digital da Bíblia de Strong.

³⁸ STRONG, 2001. WALTKE, 1998.

³⁹ STRONG, 2001. WALTKE, 1998.

prosseguimento em sua vida com outro homem de sua escolha. Sem essa carta, a mulher podia ser acusada de adultério, podendo ser até morta⁴⁰.

4. O CASAMENTO SOB A ÓTICA DE JESUS.

O plano de Deus para o casamento no Novo Testamento é o mesmo, sendo dissolúvel apenas com a morte de uma das partes (Coríntios 7:10-12, 7:39; Romanos 7:2-3; Marcos 10:11-12 e Lucas 16:18). Jesus é Deus, igual ao Eterno (João 1:1-14, 10:30), ambos estão no mesmo nível de “poder de glória, de honra, de majestade, de domínio”⁴¹.

Marcos diz que vieram alguns fariseus até Jesus para tentá-lo. Fizeram a seguinte pergunta: é lícito repudiar a mulher por qualquer motivo? Jesus levou-os para o texto de Deuteronômio 24:1-3. Jesus disse que a carta de divórcio foi por causa da dureza dos corações deles (Mc 10:5), e não porque isso era o desejo do Eterno [apenas uma permissão]⁴². Deus odeia o divórcio. Os fariseus fizeram esse questionamento devido à influência de duas escolas rabínicas existente na época, a saber: a escola de Hillel e a Shammai. Estes dois rabinos faziam interpretações antagônicas de Deuteronômio 24:1-3. Hillel interpretava e ensinava a seus prosélitos que o divórcio podia ser realizado por qualquer motivo (se a mulher deixasse de limpar a casa ou tivesse descuido no preparo das refeições, como queimar algo) na visão deste rabino já era um motivo plausível para “cortar fora, divorciar-se” da mulher. Agora, os seguidores de Shammai defendiam que o divórcio só era legal diante da infidelidade, ou seja, encontrar algo indecente (iervah) na mulher⁴³.

Jesus disse aos fariseus que, no princípio, Deus criou o homem e a mulher e os casou, tornando-os assim uma só carne, sendo impossível dissolver a união, essa era a finalidade natural de Deus para o casamento, porém quando Jesus estava a sós com seus discípulos, presenciaram o embate de Jesus com os fariseus acerca do divórcio e os discípulos o interrogaram. E Jesus respondeu “quem repudiar sua mulher e se casar com outra comete adultério contra aquela. E se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério” (Marcos 10:10-12. Ver Lucas 16:18; Coríntios 7:10-12, 7:39 e Romanos 7:2-3.)⁴⁴.

Aqui Jesus não dá nenhuma condição para um segundo casamento. Concorde-se com Pfeiffer, Harrison, 2019, quando dizem “O homem, nesse caso, comete adultério contra aquela, não por causa do divórcio, mas por causa do novo casamento. Embora tenha passado pelo procedimento legal do divórcio, aos olhos de Deus, ele continua casado com sua primeira esposa”⁴⁵. Diante da palavra, fica

⁴⁰ Em alguns casos, as mulheres repudiadas sem a carta de divórcio tornavam-se prostitutas.

⁴¹ Adiclecio Ferreira. Comentário Expositivo do Novo Testamento: versículo por versículo: volume 2: Marcos, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses 2ª ed – editora Palafitabook. Pará, 2023.

⁴² Precisamos salientar que Moisés estipulou uma condição, mas não recomendou que os homens praticassem o divórcio. O texto é uma permissão. Não uma recomendação. Os homens maus podiam chegar ao extremo de matar mulheres

⁴³ DUCK, 2017. COLEMAN, 1991. DIAS, 2023.

⁴⁴ DIAS, 2023.

⁴⁵ PFEIFFER, F. Pfeiffer. HARRISON, Everett F. Comentário Bíblico Moody, Vols. 1 e 2. Editora: Batista Regular. 2019. p. 2.410.

muito nítido que Jesus não aceita o segundo casamento se um dos cônjuges ainda estiver vivo.

Isso faz jus às palavras de Jesus à mulher samaritana. Jesus disse “bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade” (Jo 4:16-18). É possível supor que essa samaritana nos últimos cinco casamentos foi repudiar, e, tenha recebido a carta de divórcio, pois ela estava no sexto casamento, pois, Jesus não reconheceu seu casamento, mesmo sendo legal diante dos homens ao dizer: esse [o sexto] não é o seu marido legítimo. O marido legítimo aos olhos de Jesus era o primeiro. Nesse caso aqui, essa mulher jamais poderia voltar para o primeiro marido [se o marido ainda estivesse vivo], mesmo se este assim quisesse porque segundo (Deuteronômio 24:1-3) ela está contaminada (*tamé*), ou seja, “impura, imunda”⁴⁶ perante os olhos do Eterno e de Jesus.

Em outro caso, Jesus nos ensina a melhor decisão a tomar em caso de infidelidade. Uma mulher foi pega no ato de adultério. Pela lei, o marido podia repudiá-la ou até mesmo entregá-la para que fosse apedrejada, porém Jesus não a condenou e nem recomendou o repúdio. Ele ofereceu seu perdão, seu amor. Por que para muitos é tão difícil perdoar o cônjuge quando este comete adultério? Pode-se afirmar que são seguidores de Jesus, no entanto, agem de forma antagônica ao Mestre.

Precisa-se salientar que nas narrativas de Mateus sobre esse assunto, adiciona-se uma exceção para um segundo casamento, a saber: relações sexuais ilícitas “Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e se casar com outra, comete adultério; e o que se casar com a repudiada comete adultério” (Mt 19:9. Veja Mt 5:31-32). Há aqui uma condição; a permissão do segundo casamento⁴⁷.

A palavra grega aplicada para relações sexuais ilícitas é (*porneia*) que no grego pode significar “fornicação, adultério, homossexualismo, lesbianismo, relação com animais, sexo com parentes, imoralidade”. A palavra grega (*porneia*) é mencionada nas páginas do NT por 25 vezes⁴⁸. Ainda há um sinônimo (*porneuo*) que significa prostituir o corpo a concupiscência de outro. Essa palavra grega é citada 6 vezes no NT⁴⁹. Em boa parte das ocorrências da palavra é usada para denotar sexo entre pessoas não casadas como, por exemplo, em 1 Coríntios 5:1. 7: 2; 1Ts 4:3. Pode-se dizer que o autor esteja se referindo aqui a relações sexuais ilícitas de uma das partes antes do casamento no período de noivado? Nesse tempo os noivos já eram tidos como casados (Mt 1:18-20), então, caso uma das partes cometesse (*porneia*), a parte ofendida teria o direito de se casar com outra pessoa. A palavra grega usada para adultério é (*moicheuo*) que literalmente quer dizer “adultério”. Essa palavra é citada 9 vezes no NT. O próprio Mateus (19:9) usa a palavra (*moicheuo*) 2 vezes, e uma (*porneia*) no mesmo versículo com a intenção

⁴⁶ STRONG, 2001. WALTKE, 1998.

⁴⁷ DIAS, 2023.

⁴⁸ Levantamento realizado pelo autor conforme concordância bíblica na versão digital da Bíblia de Strong.

⁴⁹ Levantamento realizado pelo autor conforme concordância bíblica na versão digital da Bíblia de Strong.

de distingui-las (5:32). Existem pessoas que afirmam que as duas palavras gregas são correlatas, mas não⁵⁰.

Há outras possibilidades sobre um possível significado real da palavra (*porneia*) usada por Mateus. Para uma melhor compreensão, considera-se bem oportuno convidar Regis para esse auxiliar. Segundo Regis:

Dentre as possibilidades, aventa, a suposição de que o significado apropriado de *porneia* na cláusula de exceção se refira a incesto, e foi inserida pela igreja de Mateus a fim de permitir que as uniões incestuosas contraídas antes do batismo fossem retificadas pelo divórcio, uma vez que a igreja cristã em seu início era eminentemente judaica e estava recebendo cada vez mais conversos gentios que provavelmente fossem envolvidos em casamentos incestuosos. Há também outro aspecto da definição de falta de castidade originalmente introduzida em CD 4:20,21 que tem relação com o tema do divórcio. Além de ser igualada à situação de —tomar duas esposas em 4: 20,21, a falta de castidade (*zanah*) também é equacionada em CD 5:8-10 com uma descrição do incesto muito claramente redigida. Já que o hebraico (*zanah*) é consistentemente traduzido pelo Grego por *porneia* na LXX, essa definição dupla de (*zanah*) em CD 4:20, 5:11 como poligamia e incesto fornece um meio muito natural e muito sugestivo de interpretar as cláusulas de exceção altamente controversas nos pronunciamentos de Jesus sobre o divórcio em Mateus 5:32 e 19: 9. De acordo com a interpretação de *porneia* sugerida por CD 4:20, 5:11, Jesus fez uma proibição definitiva contra o divórcio em Mateus 5:32; 19:9, mas deixou uma saída para os crentes já presos em poligamia ou incesto⁵¹.

Não se tem como bater o martelo sobre o real sentido do uso palavra (*porneia*) em Mateus 5:31-32. 19:9. Dificilmente alguém conseguirá tecer uma interpretação que satisfaça a todos os exegetas; muitos já tentaram, porém sempre restam lacunas. Algumas possibilidades são cogitadas, nada que venha revolver essa questão⁵². Uma coisa pode-se afirmar com precisão diante do exposto no início dessa seção, Jesus não tolera o divórcio (Coríntios 7:39; Romanos 7:2-3, 7:11-12; Marcos 10:11-12; Lucas 16:18) Aqueles que se dizem estar nEle devem viver como Ele viveu (1João 2:6).

5. O SEGUNDO CASAMENTO E A IGREJA.

Diante desse cenário desastroso em relação ao crescente número de divórcio no mundo secular e, lamentavelmente no ambiente eclesiástico, como fica a igreja? Mantém-se passiva? Apresenta algo que possa desacelerar o número de divórcio? Não se sabe, o que se tem conhecimento é que o número somente cresce a cada dia.

⁵⁰ STRONG, 2001. DIAS, 2023.

⁵¹ REGIS, Ivonei larussi. Adultério, divórcio, novo casamento e disciplina eclesiástica: um estudo sobre a abrangência do sétimo mandamento e o divórcio na Bíblia Sagrada, nos escritos de Ellen White e no manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia e suas implicações. Tese de Doutorado. Engenheiro Coelho: São Paulo, 2022, p. 203.

⁵² A Bíblia de Jerusalém, em sua nota de rodapé, nos diz que Mateus escreveu aos judeu-cristãos e acrescentou a restrição a fim de responder a certa problemática rabínica, ou seja, as duas escolas já mencionadas. BÍBLIA - Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

É evidente o que o casamento está sob ataque. As novelas e filmes investem pesado na banalização dessa instituição divina. Hoje, o que se vê são casais se divorciando por motivos corriqueiros (pela dureza do coração), não perdoam seus cônjuges quando um deles falha. A palavra perdão (*aphesis*) no grego significa “livramento da escravidão ou prisão, remissão de pecados permitindo que sejam apagados da memória”⁵³. Em tese, perdão é perder o direito de lembrar a ofensa recebida. Perdão é não retribuir segundo as ações do próximo. Quando se age de forma contrária, deixa-se de dar valor à orientação do Grande Mestre (Colossenses 3:13-14; Mateus 6:14-15). Deus não muda, não volta atrás, sua Palavra continua em vigor⁵⁴.

O que se presencia hoje em muitas agremiações religiosas é a leniência ao divórcio. Muitos líderes não ensinam aos membros sobre o desejo de Deus no que se refere ao casamento como sendo dissolúvel apenas com a morte de um dos cônjuges (I Coríntios 7:39; Romanos 7:2-3, 7:11-12; Marcos 10:11-12; Lucas 16:18).

Porém o que se nota hoje em alguns líderes religiosos é que advogam a causa própria ou familiar, ou seja, quando querem se casar pela segunda vez, apegam-se a esses versículos (Mt 5:31-32, 19:9) para legitimar sua ação. Mesmo ciente que o contexto possivelmente não dá legitimidade para tal (ver a seção 4). Foi apresentado aqui o argumento sobre a ótica de Jesus no que diz respeito ao tema (ver a seção 4). É possível que todos que estão dentro das agremiações religiosas confessem ser réplicas de Jesus, no entanto, não perdoam um deslize [uma traição]. Pode-se indagar o seguinte, a saber: que cristãos somos? Sendo que Jesus recomenda o perdão, não apenas uma vez por dia, mas, sim, 70 x 7 por dia. Um total de 490 vezes ao dia deve-se perdoar a ofensa de um irmão, do esposo, da esposa, caso este pedir perdão. É importante salientar que existem pessoas que afirmam ser seguidoras de Jesus, no entanto, são reprováveis em obras, já que não perdoam nem uma vez por dia (Colossenses 3:13-14; Mateus 6:14-15, 18:21-22).

É possível supor que o crescente número de divórcio dentro das agremiações religiosas seja pelo simples fato de que pessoas não amam [a Jesus] acima de todas as coisas, porque se casam por emoção, ainda jovens, sem uma boa formação, não observam os sinais negativos durante o namoro, não dão crédito aos conselhos valorosos dos pais, quando esses são contrários ao namoro, ao casamento. Não observam se o pretendente ou a pretendente teme ao Senhor, se é da mesma parentela, ou seja, da mesma igreja ou ordem de fé. Abraão priorizou buscar uma noiva para Isaque que fosse da mesma parentela e não da família dos cananeus⁵⁵. É perceptível que algumas denominações religiosas já sejam lenientes com o divórcio, entendem como tolerável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos mudam, porém, a Palavra do Senhor permanece para sempre (Is 40:8) porque Deus é imutável. Ele não varia com o tempo, sua Palavra continua em vigor. Então, diante dessa verdade, todos aqueles que seguem a Jesus são chamados

⁵³ STRONG, 2001, p. 2.220

⁵⁴ DIAS, 2023.

⁵⁵ DIAS, 2023.

à santidade, à pureza. O desejo carnal [do divórcio] precisa ser militado e vencido porque essa é a vontade dele.

Foi possível observar, ao término da pesquisa, que o Eterno estabeleceu o casamento como uma união dissolúvel apenas com a morte de um dos cônjuges. O desejo de infidelidade e de se divorciar partiu dos seres humanos. Moisés permitiu essa norma com o intuito de preservar as mulheres (ele, Moisés não incentivou o divórcio), pois os homens brutos, guiados por instintos selvagens, poderiam violentar e até matá-las, e não foi isso que Deus planejou para os seres humanos.

REFERÊNCIAS

COLEMAN, William. Manual dos tempos e costumes bíblicos. Editora Betânia. Venda Nova: M. G. 1991.

DIAS, Adiclecio Ferreira. Casar para quê? Editora Koinonia, MG, 2019.

DIAS, Adiclecio Ferreira. Comentário expositivo do Novo Testamento: versículo por versículo: volume 2: Marcos, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses 2ª ed – editora Palafitabook. Pará, 2023

DUCK, Arthur. Divórcio e novo casamento no Antigo Testamento: uma análise de Deuteronômio 24:1-4. Revista Batista Pioneira. Vol. 6. N. 1. Junho 2017.

MARTINS, André. Número de divórcios no Brasil bate recorde e chega a 420 mil. *Revista Exame*. São Paulo, 2024.

REGIS, Ivonei Iarussi. Adultério, divórcio, novo casamento e disciplina eclesiástica: um estudo sobre a abrangência do sétimo mandamento e o divórcio na Bíblia Sagrada, nos escritos de Ellen White e no manual da Igreja Adventista do Sétimo dia e suas implicações. Tese de Doutorado. Engenheiro Coelho: São Paulo, 2022, p. 203.

STRONG, James. Dicionário Bíblico Léxico Hebraico, Aramaico e Grego. Editora Hagnus, 2002.

WALTKE, Bruce. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. Trad, SAYÃO, Luiz. São Paulo: Vida Nova, 1998.

PFEIFFER, F. Pfeiffer. HARRISON, Everett F. Comentário Bíblico Moody, Vols. 1 e 2. Editora: Batista Regular. 2019. p. 2.410.